

MADALENA SÁ FERNANDES

LEME



COMPANHIA DAS LETRAS



*Recordo bem este medo da infância
Evitava as poças, sobretudo as novas, após a chuva.
Afiml, uma delas poderia não ter fundo,
ainda que parecesse igual às outras.*

Wislawl Szymborska

1

No seu funeral, a ex-mulher dele, a última, abraçou a minha mãe, a penúltima. As duas choravam muito. Ela disse-lhe ao ouvido: «Era um filho da puta.»

2

Era um filho da puta. Um filho da puta que lembramos em lágrimas.

Tenho nítida a imagem da minha mãe a chorar. Guardo muitas imagens da minha mãe a chorar. Esta, em específico, é de um choro de nervos. Era assim que a minha mãe qualificava o choro, para me acalmar: «É de nervos.» O choro de nervos era choro na mesma, mas tinha uma carga mais leve do que o de tristeza.

Nervos em cima do rolo do papel para forrar os manuais escolares. Não havia maneira de ficar sem bolhas. Os manuais estarem forrados era fundamental. Entre colegas, olhávamos para a forma como os livros uns dos outros estavam forrados. Eu queria que os meus ficassem lisos, mas estavam sempre cheios de bolhas e, pior, de vincos. Forrar um livro requer uma técnica que a minha mãe não dominava. Empenhava-se e, por saber como eu me importava com aquilo, chorava sobre o papel de plástico. Esta tarefa prolongava-se até muito tarde. No dia seguinte, quando eu chegava à escola com o meu material escolar novo, havia naqueles manuais as bolhas e os vincos da angústia maternal.

Sentia inveja dos manuais de alguns colegas, forrados com antecedência, forrados sem dedos a tremer. E sentia carinho e compaixão pelos que chegavam com os manuais com tantas rugas, que não se liam os títulos. Imaginava a vida desordenada das suas casas. Imaginava a guerra em torno dos manuais e o momento em que tiveram de aceitar que aquilo era o melhor possível. Alguns tinham o forro tão lasso, que parecia que o livro estava dentro de um saco de plástico. Há sempre uma situação melhor, mas há sempre uma pior também. Para mim, relativizar tornou-se uma técnica. Mas percebi que em excesso pode ser uma técnica perigosa.

Quando o Paulo chegou à nossa vida, eu tinha 6 anos e nenhuma vontade de que um homem viesse intrometer-se na casa onde eu vivia com a minha mãe.

A separação dos meus pais não me tinha doído, pelo menos não a ponto de deixar memória. O maior trauma foi separar os peluches. Pensar que peluches ficariam mais tempo comigo e que peluches ficariam menos tempo. Talvez tenha sido a primeira grande decisão que tomei.

Ele chegou para jantar na casa onde eu vivia com a minha mãe, e ela pediu: «Diz olá ao tio Paulo.» Eu tinha nos olhos um ódio que seria injusto, caso ele não viesse mais tarde a justificá-lo. Respondi: «Olá, Paulo, estás bom?» Tratei-o pelo nome e por tu. Ele estava desconfortável, mas a circunstância obrigou-o a anuir e a mentir, dizendo que não se importava. Era o sacerdote das boas maneiras, expressão que me ensinou a abominar. Uma criança tratar por tu um adulto que não conhecia era impensável na sua cadeia de valores. Desde então, estabelecemos essa relação disfuncional, até no tratamento: eu tratava-o por tu, ele tratava-me por você. Tratá-lo por tu é significativo, mas esta aparente proximidade não quer dizer que eu não tivesse medo. Eu tinha muito medo. Medo da noite, que trazia a imprevisibilidade. Medo da força dele, dos urros que se soltavam do seu corpo e que apareciam de surpresa na madrugada.

Antes da violência doméstica, dos distúrbios e do alcoolismo, antes de haver nomes para as coisas, eu conhecia-as. Percebia as disfunções antes de conhecer a mecânica do mundo e das pessoas.

O Paulo tornou-se protagonista da minha história antes de eu saber minimamente o meu papel, mas já deixei, ou estou aos poucos a deixar, de culpá-lo pelas falhas na minha vida.

Ele ganhou terreno quando me forrou os livros. Foi o momento em que pensei que talvez tivesse chegado um homem para nos salvar. Lembro-me de vê-lo de pé, com a régua na mão, curvado sobre a mesa. Cortava o papel com um X-ato, a direito e sem esforço. Entrei orgulhosa na sala de aula, no dia seguinte, a exhibir os meus livros impecáveis.

O Paulo forrava-me os manuais sem deixar bolhas de ar, tratava-me as feridas dos joelhos com Betadine e cortava-me as unhas com um corta-unhas. Eu nunca tinha visto um corta-unhas. Até então, cortavam-se as unhas com tesoura. Aquele instrumento era novo, e o barulhinho, agradável. As unhas caíam na mão dele, não saltavam como quando eu experimentei fazer sozinha. A mão dele, enorme, forte e áspera, acolhia as minhas unhas pequenas.

Quando a minha mãe e eu falávamos dele, tentávamos encontrar as coisas boas. E, nesses momentos, vinham à baila detalhes assim, para tentarmos amenizar o resto. «Ele forrava-te os livros.»

O seu grande inimigo era a desarrumação. A desarrumação tinha de ser combatida. Mas a desarrumação era a minha mãe. E eu.

Quem é desarrumado tem quase sempre de lidar com as consequências. Há um *karma* muito evidente que cai sobre os desarrumados. Perdemos a carta das Finanças, temos de pagar mais multas. Perdemos o cartão de cidadão, temos de ir para a fila fazer uma segunda via. Comemos torradas na cama, dormimos desconfortáveis em cima de migalhas que se transformam em pedrinhas pontiagudas. A desarrumação era o nosso *modus operandi*, a organização e arrumação, o dele. Havia naturalmente um conflito.

Lembro-me de um dia – eu devia ter 9 anos – ter deixado o prato na sala de jantar, depois de comer bolonhesa. Pouco depois, vi o prato voar pelo meu quarto adentro, com restos de massa e molho. Embateu na parede do lado oposto e partiu-se. Parecia ferido quando caiu no chão.

Ele falava constantemente do chiqueiro, da bandalheira e do chavascal. Estas palavras, repetidas, faziam parte do seu léxico privado. Na altura, não fui ver o que significavam.

Chiqueiro, bandalheira, chavascal eram a desarrumação. Éramos nós.

O escritório era a sua divisão, a divisão que o Paulo dominava. Toda a casa se tinha adaptado aos seus padrões de organização, restando somente uns objetos resistentes, como pilhas ou peças inúteis, que ocupavam gavetas à revelia dele. Mas o escritório distinguia-se pela imaculada organização.

Eu passava pelo corredor e via, pela porta entreaberta, a sua nuca careca reluzente. Ele ficava horas ali, em frente ao computador, com os óculos retangulares na ponta do nariz, a jogar bridge online e a fumar os seus L&M. Eu sentia o cheiro do cigarro e ouvia os cliques do rato a interromperem o silêncio. Ocasionalmente, um pigarrear. Os jogos duravam horas, e aí a casa parecia imersa num silêncio compacto. Mas não era um silêncio apaziguador. Era só alívio passageiro, antes de uma possível explosão.

Às vezes, ele levantava-se de repente. Fazia anunciar os seus movimentos mais inesperados com o arrastar ruidoso da cadeira no soalho de madeira e com passos compridos e rápidos pelo corredor. Caminhava depressa, tão veloz, que dava a impressão de levantar vento, um vento que ia contra as coisas. Batia com violência as portas atrás de si, afastava da mesa copos e pratos que subitamente lhe provocavam repulsa, fazia sons grotescos com a boca, parecendo rosnar ou grunhir, como se estivesse a engolir ameaças ou insultos, afastava obstáculos da casa com pontapés bruscos, rugia por vezes com mais força por causa de um qualquer pretexto que encontrava nos caminhos domésticos – uma peça de roupa fora do sítio, uma cadeira não alinhada com as outras,

um sapato sem par, uma janela mal fechada ou mal limpa, dedadas no ecrã da televisão. Irritavam-no, de uma maneira invulgar, as dedadas no espelho ou no vidro do armário da casa de banho. As superfícies de vidro estavam interditas aos dedos.

Fazia questão de evidenciar o seu estado de contínua frustração com o mundo. Para isto, socorria-se de diferentes estratégias. Em nenhuma delas cabia o equilíbrio.

Era escultor e professor de Belas Artes. Um artista meticuloso. Lembro-me dos lápis alinhados por espessura e dos X-atos dispostos por tamanhos. Sempre que eu ia ao escritório buscar uma das suas muitas canetas especiais para fazer desenhos, ele dava conta.

Leme

«Com os primeiros gritos da noite vinha o susto. Depois habituava-me, como à música alta de uma discoteca.»

Leme é o relato da vivência de uma rapariga que assiste, durante anos, à erosão dos pilares que sustentam as ligações humanas: vê a mãe subjugada à violência do homem com quem mantém uma relação amorosa disfuncional; vive na pele a distorção dos papéis desempenhados por pais e filhos; alimenta-se da solidão para ultrapassar um quotidiano de medo e fúria; disputa um lugar só para si no meio do caos familiar; aprende a reconhecer o consolo das pequenas vitórias; e, por fim, reconstrói-se a si e às suas memórias.

Nenhuma criança conhece de antemão os nomes das coisas, mas todas as crianças reconhecem instintivamente o perigo. Para a protagonista desta história, o perigo tem o nome de um homem, e é sinónimo de obsessão, desequilíbrio, solidão, desamparo, poucas certezas e muitas dúvidas. *Leme* é um golpe de escrita para regressar à vida. Uma cintilação plena de vida e um soco no escuro que nos engole: eis um livro de estreia que aponta diretamente aos limites do bem e do mal.



«Entre a autobiografia e a ficção, o mundo da memória aí está, neste *Leme*, a avançar por entre relatos fortes e violentos, mas também a avançar com súbitas delicadezas, e sempre com o mar ao fundo, que, por vezes, por breves instantes, parece acalmar o tumulto daqueles dias. O relato de uma criança que vai crescendo, tentando resistir àquilo que a rodeia; resistir e crescer. Uma certa forma de reportagem literária onde o que é reportado, com a subjetividade humana, é o que está mais próximo: o mundo da casa e da memória.»

Gonçalo M. Tavares



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897849596



9 789897 849596 >